

## A INCLUSÃO DE ALUNOS COM SURDOCEGUEIRA E/ OU DEFICIÊNCIA MULTIPLA NA APAE DE HUMAITÁ-AM

Aurinete Marinho Pessoa<sup>1</sup>  
Cristyane Moraes da Silva<sup>2</sup>  
Eulina Maria Leite Nogueira<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo se propõe a apresentar algumas ideias, práticas e vivências pedagógicas que visa contribuir na inclusão de pessoas com deficiências nas instituições. Nos seus parágrafos apresentaremos o contexto histórico da exclusão que os deficientes viviam na antiguidade e que ainda hoje sofrem; trataremos da dificuldade dessas crianças em ingressar na escola, a dificuldade dos professores em trabalhar com essas crianças por falta de formação, além de tratarmos dos recursos que devem ser utilizados para que esses alunos participem das atividades nas instituições e escolas comuns, com as outras crianças. Esperamos que o conteúdo deste trabalho esclareça as possibilidades que os alunos com deficiência, principalmente os alunos com surdocegueira e deficiência múltipla desenvolvam suas potencialidades, quando estes são atendidos devidamente em suas necessidades especiais na APAE. Será tratado dos recursos para a aprendizagem dessas pessoas, relatando os progressos que podem ocorrer com a criança se o espaço em que estão inseridos se preocupa com o desenvolvimento psicológico e cognitivo desses alunos que são considerados “especiais”. Trabalhando com a pesquisa bibliográfica e de campo, utilizando da abordagem qualitativa, por nos aproximar desses sujeitos.

**Palavras-chave:** Inclusão, Formação, Educação, Deficiência.

### INTRODUÇÃO

É visível que as crianças com surdocegueira e com deficiência múltipla, apresentam necessidades especiais quando se refere ao ambiente em que estarão inseridos, principalmente nos lugares que irão receber apoio pedagógico e educacional, pois os mesmos necessitam de um ambiente que facilite as limitações das suas deficiências por apresentarem saúde frágil. Mas com todas as dificuldades que possam parecer isso não os impedem de aprender, principalmente, se o ambiente que se encontra atenda suas necessidades, isso facilitaria sua aprendizagem, isso que iremos discutir neste trabalho. As reflexões postas neste trabalho surgiram de discussão feita em sala de aula durante a disciplina de Educação Especial no âmbito da Universidade Federal do Amazonas e tem como objetivo discutir sobre a Educação de

---

<sup>1</sup> Discentes do Curso de Licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, Instituto de Educação agricultur e Ambiente-IEAA. E-mail: [marinhoaurinete@gmail.com](mailto:marinhoaurinete@gmail.com).

<sup>2</sup> Discentes do Curso de Licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, Instituto de Educação agricultur e Ambiente-IEAA. E-mail: [cristyanemoraessilva@gmail.com](mailto:cristyanemoraessilva@gmail.com).

<sup>3</sup> Prof. Dr<sup>a</sup>. Orientadora do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, Instituto de Educação agricultur e Ambiente-IEAA. E-mail: [eulinanog@hotmail.com](mailto:eulinanog@hotmail.com).

Crianças com Deficiência Múltipla e Surdocegueira, uma vez que os estudos e discussões na referida disciplina abordaram tal assunto estimulando os discentes a buscar mais informações acerca do tema discutido.

Sabemos que muitas escolas não estão preparadas para receber um sujeito que apresente qualquer tipo de deficiência, isso faz com que dificulte a entrada desse sujeito num ambiente escolar e quando consegue seu espaço muitas vezes fica excluído dos demais alunos que se consideram “normal”, porém a inclusão desses alunos “diferentes” vem rompendo esse paradigma que muitas pessoas trazem ao diferenciar os alunos entre os “normais” e os “especiais”. Essa diferença atinge até mesmo as escolas que são dadas da seguinte forma, em escola “Comum” para alunos considerados normais e escolas “especiais” para alunos “especiais”. Para alunos com deficiência múltipla e surdocegueira a entrada nas escolas se tornam ainda mais dificultoso, pois para receber um aluno com tal deficiência a escola tem que se adaptar as condições dele.

Ter uma escola inclusiva faz com essa barreira da diferença seja rompida e esse sujeito mesmo com suas dificuldades possa ser inserido neste ambiente educacional e possa ter o mesmo direito de aprender como qualquer pessoa que seja considerada “normal”. Para que isso aconteça é necessário que as escolas tenham uma sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado) para atender as necessidades específicas dessas crianças “[...] identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas” (SEESP/MEC, 2008). Neste sentido iremos discutir neste trabalho como esses alunos com deficiência múltipla e surdocegueira são atendidos na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE, como é a sua aprendizagem, se a instituição enfrenta dificuldade para manter esses alunos, se os pais estão presentes na sua aprendizagem entre outros questionamentos.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho é um estudo realizado sobre como é a inclusão dos alunos com surdocegueira e/ ou deficiência múltipla na APAE. Para dar suporte a pesquisa optamos por uma pesquisa bibliográfica através de fontes com conteúdo que tratam do assunto abordado para termos fundamentos teóricos, pois sabemos que para uma boa pesquisa é necessário que seja baseada em fontes bibliográfica, Gil (1946, pg. 30) vem dizer que “[...]em algumas áreas do conhecimento, a maioria das pesquisas são realizadas com base principalmente em material obtido em fontes bibliográficas”.

Além disso, optamos por utilizar também a pesquisa de campo, em que para a obter determinadas informações foi realizada entrevista com a gestora dessas instituições, neste caso, APAE- Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. Nesta pesquisa optamos por uma abordagem qualitativa, por considerar que esse caminho nos aproxima dos sujeitos pesquisados.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Estudando o histórico da exclusão que os deficientes passam encontramos já na antiguidade a exclusão além de crianças que nasciam com alguma deficiência, também era desfavorecida as crianças que eram ditas “normais”, ou seja, que não tinham nenhuma deficiência. Sendo assim defendido o infanticídio, ou seja, a morte de crianças inocentes que não tinham nenhuma culpa do nascimento com deficiência, o que para os mesmos eram consideradas anomalias:

Em 384 a.C. Aristóteles defendeu arduamente que o homem expressava seus conhecimentos e inteligência através da fala, se um indivíduo não tem linguagem, logo, tão pouco possuirá inteligência. Isso tornava os surdos incapazes de receber educação (LOURENÇO, BARANI, 2012, p.2).

Sendo assim, essas pessoas com deficiências são impossibilitadas muitas vezes de exercer o direito à cidadania mesmo que possuam uma das culturas presentes nas sociedades, uma trajetória vivenciada, marcada pelo sofrimento, preconceito e luta pelos seus direitos.

A inclusão tão falada, discutida, abordada atualmente nos mais diversos ambientes e que a mídia expõe da forma que bem entende, acontece muitas vezes de forma equivocada, isso quando ocorre em nossas escolas, parques, brincadeiras, entre outros lugares. Pois, a inclusão não é apenas inserir a criança, jovem ou adulto com deficiência em uma sala de aula, mas, inserir de forma adequada nas atividades utilizando materiais adaptados, além do respeito, para que a criança seja incluída totalmente no convívio social com seus colegas, trabalhando a diferença cultural com eles respeitando a diversidade cultural racial. Para tanto se faz necessário que a sala de atendimento educacional especializado (AEE) melhore o desenvolvimento da sua capacidade na realização das atividades e autonomia própria, através de oportunidades que possam firmar a mostra do seu potencial para que não repita, memorize o que é transmitido na sala de aula, o condenando ao fracasso, mas que seja ao contrário, que os professores saibam gerir os processos de aprendizagem dessas crianças que são bastante inteligentes.

Em nossas escolas e/ou instituições que recebem essas crianças possuem grande dificuldades em trabalhar o ensino das mesmas, pois não possuem maior conhecimento por

estarem preso a uma determinada forma de pensamento, não serem liberados um dia para eventos que contribuem para a sua formação continuada que tantos falam da falta dessa formação após uma graduação, por exemplo, sendo que quando é realizado eventos que possam contribuir para essa formação os gestores não liberam, ou os professores não se interessam (recusam-se) a participar. Com isso, o trabalho realizado nas salas de aulas comuns discriminando as crianças com deficiência que acabam não participando de atividades com os colegas, sendo avaliados assim como os demais, perdendo conhecimentos preciosos para a sua vida.

Em poucos lugares que apesar da grande falta de profissionais especializados para o trabalho com as crianças com alguma deficiência trabalham utilizando as adequações em materiais que as salas comuns possuem, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e potencial que essas crianças trazem consigo, dentro de uma sala de AEE avaliando o processo de aprendizagem e inclusão desse aluno através de estudo de caso, para identificar a especificidade que cada aluno apresenta e assim desenvolver a capacidade na realização de atividades individuais e coletivas, após a descoberta do que levou essa criança a sala de AEE tem-se o seu perfil em mãos para que possa ser elaborado o plano de AEE individual e coletivo que seja adequado para o tipo de deficiência identificado.

Na escola comum e/ ou instituição especializada para a inclusão da criança com surdocegueira ou deficiência múltipla, é necessária uma explicação sobre a sua grafia e que se entenda o que é a surdocegueira e a deficiência múltipla. Conforme Lagati (1995, p. 306),

Surdocegueira é uma condição que apresenta outras dificuldades além daquelas causadas pela cegueira e pela surdez. O termo hifenizado indica uma condição que somaria as dificuldades da surdez e da cegueira. A palavra sem hífen indicaria uma diferença, uma condição única e o impacto da perda dupla é multiplicativo e não aditivo.

Por ser uma deficiência única e que requer uma abordagem que seja específica para o favorecimento da pessoa com surdocegueira é necessário que se tenha um sistema para que possa dar suporte. Além de ser necessário o empenho dos professores para a confecção de materiais e para o trabalho com essas crianças com surdocegueira.

As pessoas com deficiência múltipla são aquelas que apresentam mais de uma deficiência associada. Segundo Bosco; Mesquita e Maia (2010, p. 10),

As características específicas apresentadas pelas pessoas com deficiência múltipla lançam desafios à escola e aos profissionais que com elas trabalham no que diz respeito à elaboração de situações de aprendizagem a serem desenvolvidas para que sejam alcançados resultados positivos ao longo do processo de inclusão.

Tendo conhecimento sobre a surdocegueira e a deficiência múltipla é preciso que os professores tenham formação, conhecimento, e sejam conscientizados para que em seus métodos e materiais utilizados tanto na sala de aula comum quanto na sala de atendimento educacional especializado possam fazer adequações necessárias para o ensino de todos os seus alunos não deixando os alunos com deficiência discriminada das atividades, abrangendo o desenvolvimento de cada um dos seus alunos sem exceção, para assim acontecer à participação de todas as crianças em todas as atividades trabalhadas na sala de aula.

Formar professores para educar as pessoas com deficiência proporcionando adaptações para o ensino aprendizagem dessas crianças é um grande desafio, que nos leva a fazer algumas indagações e relação a formação que se encontra em nossas universidades; como está sendo formado o professor? Como deveria ser esta formação? E os professores de alunos com deficiência, como estão sendo preparados? Existe a preocupação em realizar a formação continuada após uma? O que falta para que o professor saiba incluir um aluno com deficiência em atividades individuais e coletivas. Tendo em vista que ser professor é um desafio a ser vencido nos faz refletir que a docência vem exigindo cada vez mais conhecimentos, práticas, criatividade e curiosidades que os cursos de formação inicial muitas vezes não conseguem abordar. Além disso, a formação continuada não vem atingindo a profundidade necessária para atender toda a demanda emergente das novas situações que surgem.

Caso o professor da sala comum tenha apenas uma criança com deficiência, como por exemplo, a surdocegueira e a deficiência múltipla, para que haja a participação de todas as crianças nas atividades o professor deve fazer adequações auditivas, visuais e táteis quando necessário. Segundo Ropoli; Mantoan; Santos e Machado (2010, p. 8):

[...] a educação inclusiva concebe a escola como um espaço de todos, no qual os alunos constroem o conhecimento segundo suas capacidades, expressam suas ideias livremente, participam ativamente das tarefas de ensino e se desenvolvem como cidadãos, nas suas diferenças.

Para que o aluno com surdocegueira ou deficiência múltipla consiga participar de forma ativa das atividades dentro e fora da sala de aula para assim expressar suas ideias de forma livre, desenvolver sua autonomia, seu potencial, exercendo sua cidadania o professor precisa trabalhar em seus alunos de forma com que possam construir conhecimento de acordo com suas capacidades.

No desafio de fazer as adequações auditivas o professor deve observar alguns itens, como a recomendação para o aluno se sentar em um lugar da sala que lhe proporcione acesso às fontes de som mais importantes, o posicionamento é fundamental para sua aprendizagem, caso o aluno com deficiência múltipla possua resíduo auditivo funcional o professor deve



encorajá-lo a utilizar. É importante a utilização de guias interpretes, por exemplo, além da utilização da tecnologia assistiva para que possa dar apoio ao professor no momento da explicação do conteúdo a ser trabalhado no dia. As adequações visuais que devem ser feitas são a iluminação tendo em vista que aluno o com surdocegueira e com deficiência múltipla que tem baixa visão necessita do máximo de contraste possível entre os materiais que estão lendo e o ambiente. Para fazer as adequações táteis podem ser feitas com a utilização de materiais que podem ser encontrados na própria escola, adaptando mapas, gráficos entre outros materiais visuais auxiliam a criança a ter maior conhecimento do conteúdo que está sendo trabalhado, já que muitos alunos com surdocegueira ou com deficiência múltipla além dos que possuem resíduos visuais sempre utilizam o tato como uma ferramenta para sua aprendizagem.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir apresentaremos, dados obtidos na pesquisa bibliográfica com análise em artigos, livros, e/ou documentos e, dos dados que foram levantados na pesquisa de campo realizada por meio de entrevista com a gestora da APAE, conforme a tabela abaixo:

Quantos alunos a instituição atende com surdocegueira e/ou deficiência múltipla?
Qual a maior dificuldade que a APAE enfrenta para atender esses alunos?
Eles estão matriculados na escola comum?
Quais as dificuldades que essas crianças apresentam na aprendizagem?
Cite os recursos e as estratégias que são utilizados no atendimento destes alunos?
Como é a relação da família com a instituição? Eles participam ativamente na educação dos filhos? Ou são ausentes?

Estudando, pesquisando e analisando o histórico da educação especial em nosso país, percebe-se que a trajetória ainda percorrida da inclusão do indivíduo que possui alguma deficiência física ou mental, dentro de certas culturas é bem conflitante pois, em algumas culturas veem o deficiente como uma pessoa amaldiçoada, que cometeu algum erro entre outros pensamentos preconceituosos, sendo as principais causas do surgimento que as deficiência podem vir a estar presente são nos períodos de pré-natal, perinatal ou pós-natal, além de alguma alteração genética ocorrida durante a formação do feto. Sendo que essas crianças, nascem com tal deficiência não por escolha ou por maldição, mas sim por causa ou da falta de cuidado da

mãe no período de gestação, ou por não ter condições de cuidados durante esse período tão importante.

Sendo assim, não há necessidade em desprover essas crianças do direito de estudar, se desenvolver cognitivamente, socialmente, a escola é um ambiente importante na vida dessas crianças.

Páez (2001) descreve que a inclusão pode trazer benefícios incontestáveis para o desenvolvimento da pessoa com deficiência, desde que seja oferecido na escola regular, necessariamente, uma Educação Especial que, em um sentido mais amplo, "*significa educar, sustentar, acompanhar, deixar marcas, orientar, conduzir*" (p. 33).

Portanto, fazendo a análise da situação dessas crianças que estão inseridas na APAE, onde recebem cuidados, atenção, atividades diversas para se desenvolverem ainda mais, percebemos que o tratamento que essas crianças recebem é diferente, a APAE trata essas crianças com maior atenção, disponibilidade, materiais adequados, que procura desenvolvê-las cognitivamente e socialmente, formando-as para o mercado de trabalho, irem em busca da sua independência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada na APAE, localizada no município de Humaitá-AM verificamos que essa instituição presta serviço relevante no atendimento de pessoas com surdocegueira e/ ou deficiência múltipla.

Essa instituição oferece atendimento especializado, com uma boa infraestrutura, disponibilizando atendimento de acompanhamento pedagógico, atividades esportivas e artes, contribuindo para o desenvolvimento intelectual e social dessas pessoas.

A inclusão de alunos com surdocegueira e/ ou deficiência múltipla no ambiente escolar é essencial para que as crianças e os adolescentes com esse tipo de deficiência desenvolvam competências a serem utilizadas no decorrer de toda a sua vida, sendo fundamental a garantia do direito dessas crianças ou adolescentes a estar na escola desde a Educação Infantil. O Atendimento Educacional Especializado dentro das salas multifuncionais com alunos com surdocegueira e/ou deficiência múltipla permitirá aos professores tanto da sala do AEE quanto da sala comum um trabalho colaborativo e compartilhado garantindo a aprendizagem dessas crianças.

Apesar de reconhecermos o importante trabalho desenvolvido pela APAE é necessário que o poder público possibilite que crianças, adolescente, jovens e adultos com deficiência possam frequentar o ambiente escolar e possibilitar uma convivência onde alunos, professores,

funcionários e comunidade em geral, irão conviver e aprender a respeitar as diferenças diminuindo o preconceito.

## REFERÊNCIAS

BOSCO, Ismênia Carolina Mota Gomes. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar Surdocegueira e Deficiência Múltipla**. Sandra Regina Stanziani Higino mesquita. Shirley Rodrigues Maia. V.5. Brasília, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

LAGATI, S. Deaf-Blind or Deafblind International **Perspectives on Terminology**. 1995  
Tradução: Laura L. M. Ancilotto. São Paulo: Projeto Ahimsa/Hilton Perkins, 2002.

LOURENÇO, Kátia R. Conrad; BARANI, Eleni. **Educação e Surdez: Um resgate Histórico pela Trajetória Educacional dos Surdos no Brasil e no Mundo**. Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade. Disponível em: <http://editora-araraazul.com.br/novoeaa/revista/?p=591>.

ROPOLI, Edilene Aparecida; Mantoan, Maria Teresa Eglér; Santos, Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos e Machado, Rosângela. **Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: A Escola Comum Inclusiva**. Brasília, 2010.